

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresento este número da revista *Sociedade e Cultura*, organizado por Custódia Selma Sena e Roberto Lima, com textos apresentados na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em junho de 2006, em Goiânia. Os textos aqui publicados abordam vários assuntos apresentados nessa reunião, em torno de questões vinculadas ao urbano em sua articulação com o rural, as lutas políticas dos grupos etnicamente marginalizados e as construções simbólicas identitárias de diferentes matizes. Mas o destaque deste número é o pensamento de Carlos Rodrigues Brandão, um dos homenageados com o Prêmio Roquette Pinto, que aqui está presente com uma entrevista e um artigo. Na entrevista, Brandão conta como chegou à antropologia a partir de seus estudos sobre educação e cultura popular. Defendendo a interdisciplinaridade que a antropologia permite, o entrevistado afirma que sempre fez antropologia “em diálogo com a arte, a religião, a educação, a pessoa e a psicologia, a questão ambiental”. Conta como construiu sua carreira na “busca de aprendizados densos e difíceis” em diferentes trabalhos de campo e define sua prática antropológica, profundamente engajada a favor dos grupos que estudou, como “uma antropologia em serviço”. A leitura de seu depoimento está em estreita sintonia com o artigo-depoimento, pois em ambos o autor ensina a fazer antropologia a partir de sua própria experiência.

O artigo, como explica Roberto Lima em sua apresentação, é um *clássico* de Carlos Rodrigues Brandão sobre metodologia. Este texto, que foi “ditado em um gravador” em 1982 (Brandão o fez deitado em uma rede, como ele mesmo conta) e reproduzido às centenas em fotocópias, é publicado agora pela primeira vez em formato de artigo. Suas lições, recheadas de exemplos etnográficos de suas pesquisas com grupos camponeses, são de grande valia para as novas gerações de antropólogos que se formam atualmente. Brandão dá ênfase à importância de bem escutar as categorias nativas quando se faz uma pesquisa, sobre como misturar no trabalho de campo observação e entrevista, sobre o papel das anotações em campo e sobre a etapa posterior de escrever um diário, transcrever as entrevistas e classificar o material recolhido em diferentes rubricas. Exemplos da hierarquia no trabalho agrícola, na organização dos mutirões e nas festas rituais, da forma como abordar um grupo camponês segundo o gênero do pesquisador, fazem sua leitura agradável e de grande utilidade para cursos de metodologia e de introdução à antropologia em diferentes cursos de graduação. Esse texto é sem dúvida de grande atualidade.

Na continuidade dos textos deste número temos artigos que complementam de alguma forma os ensinamentos de Carlos Rodrigues Brandão no que diz respeito à metodologia e ao engajamento antropológicos. Com pesquisas feitas tanto a partir de observação participante e entrevista quanto com laudos e pinturas, encontramos aqui um interessante espelho da antropologia brasileira contemporânea.

Em seu artigo, Cornelia Eckert apresenta resultados de sua pesquisa sobre a memória urbana, tendo como foco o que denomina de “cultura do medo”. A autora estuda a forma como esse medo aparece no espaço urbano de Porto Alegre (RS) através de grades, muros, guaritas em frente a prédios, sistemas de alarme, cercas eletrificadas etc. A partir de vários relatos, a autora mostra como o medo, sobretudo de agressão física, é seguido de mudança de local de moradia e de hábitos de uso do espaço urbano, em particular no que diz respeito à circulação no espaço urbano no período noturno. Aponta também para a particularidade das narrativas dos mais velhos, que contrapõem o presente violento a um tempo passado sem violência e o presente no qual os valores éticos teriam desaparecido.

Luciana Chianca também aborda a temática urbana, detendo-se em sua articulação com o mundo rural e a imigração, ao relatar em seu artigo como se dão as festas juninas em Natal (RN). Seu objeto de estudo é um conjunto de danças rituais dessa festa, conhecidas como *quadrilhas*. O texto traz uma interessante reconstituição de como se constituíram no imaginário urbano brasileiro modelos de ruralidade e de personagens rurais e como as festas juninas são um lugar importante na reificação e mudança desses modelos. A autora analisa também a incorporação, nessas festas, de estilos vestimentários e de representação corporal veiculados pela mídia. Mostra também como a recuperação dessas festas populares pelas instâncias públicas, através de festivais e concursos, implica uma “modernização” que se constitui em diálogo com modelos de personagens de ruralidade presentes em imagens globalizadas. O texto se encerra com uma interessante reflexão sobre a construção identitária dos envolvidos nas festividades juninas em Natal, articulando migração rural e hierarquia social dos bairros envolvidos nesses espaços rituais urbanos.

O tema do rural, visto sob a ótica do *sertão*, foi um dos objetos de significativas reflexões na 25ª RBA, no grupo de trabalho Sertão: Sentidos e Re-sentidos, coordenado por Custódia Selma Sena e Mireya Suarez. Um dos artigos aqui publicados, de Sylvia Schiavo, reflete os rumos do debate em torno desse campo antropológico. Trata-se de um ensaio sobre o sertão como lugar mítico nas representações simbólicas sobre o rural, no qual a autora estabelece um instigante diálogo entre Marcel Mauss e Guimarães Rosa, mostrando como o sertão é uma “categoria inconsciente de conhecimento” na sociedade brasileira.

Ainda no campo das representações simbólicas que articulam rural e urbano, o artigo de Leonardo Fígoli analisa como foram construídas as representações simbólicas da *paisagem* de Minas Gerais, entendendo-a como uma construção social. Mostra em seu texto como o imaginário mineiro sobre sua paisagem foi construído desde o século XVIII e como, no século XX, com o movimento iniciado na década de 1940, o pintor Alberto da Veiga Guignard terá um papel fundamental na construção desse projeto. O autor analisa sua obra e explana sobre como esse pintor

teve um papel fundamental na construção da *paisagem* mineira, ao recriar em suas telas a geografia e o espírito das cidades mineiras do período colonial.

Dois dos artigos deste número abordam temáticas extremamente atuais para a antropologia brasileira, disciplina que historicamente tem-se colocado ativamente ao lado das populações etnicamente marginalizadas. Ambos os artigos refletem os debates e tensões políticas que caracterizam as questões étnicas hoje no Brasil.

Num deles, Jorge Eremites busca problematizar os impasses políticos atuais em relação aos laudos sobre terras indígenas guaranis, tomando como estudo de caso o debate arqueologia–antropologia presente em um laudo arqueológico produzido no Mato Grosso sobre a ocupação de terras de um grupo kaiowá. Seu texto mostra as tensões existentes hoje nas fronteiras interdisciplinares que ligam arqueologia, antropologia e história no que se refere a métodos, análises e interpretações teóricas a respeito dos direitos territoriais de grupos étnicos. Importante lembrar que o artigo reflete parte do diálogo que tem se estabelecido nos últimos anos entre a ABA e a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), visando a uma reaproximação dessas duas disciplinas que iniciaram suas trajetórias científicas juntas no Brasil, na primeira metade do século XX, e que hoje voltam a parlamentar a partir da formação conjunta em alguns cursos de pós-graduação que articulam as duas disciplinas, como é o caso da UCG, do Museu Nacional e da UFMG.

Em outro artigo, Osmundo Pinho analisa o debate antropológico em torno da questão negra, mostrando que a politização desse campo está marcada por um debate no interior da antropologia brasileira que acompanha de alguma forma o que ele denomina de “politização das identidades raciais”. Localizando o debate sobre a emergência do movimento negro e as demandas de ações afirmativas no campo do projeto de modernização da sociedade brasileira, o autor problematiza o debate atual a respeito de raça e racismo, refletindo sobre o papel dos intelectuais negros nesse campo político.

Este número da revista *Sociedade e Cultura*, composto por tantos artigos interessantes, reflete de forma cristalina a riqueza e a diversidade dos trabalhos apresentados na 25ª RBA. Ao ler esses textos, senti-me novamente transportada ao clima de entusiasmo e engajamento dos colegas e alunos da Universidade Federal de Goiás na preparação desse encontro. É sem dúvida com esse espírito de celebração que espero que os leitores deste número acolham os textos.

Miriam Pillar Grossi

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina e presidente da Associação Brasileira de Antropologia no biênio 2004-2006